

Mulheres portuguesas na diáspora: a vez da bloguescrita

Ana Paula Coutinho Mendes
Universidade do Porto

Resumo. As experiências da diáspora portuguesa têm-se alterado significativamente ao longo das últimas duas décadas não só devido ao incremento de mobilidade no seio da Comunidade Europeia e às mudanças socioeconómicas potenciadas pela globalização, mas também devido ao exponencial desenvolvimento tecnológico digital e, em particular, do ciberespaço. A facilidade de comunicação e de difusão proporcionadas pelo funcionamento em rede pública e à escala global fizeram emergir um fenómeno que, absorvendo algumas características da “crónica” e do “diário” enquanto modos discursivos ou subgéneros literários, tem por vezes representado um laboratório de escrita e até de representação intermedial. Configuram-se aí processos de (re)construção identitária e de inclusão num espaço imaginário/ virtual que transcende as fronteiras geográficas e as comunidades nacionais, ainda que continue a tê-las como referência, quando não mesmo a exacerbá-las. É neste âmbito que destaco algumas características de *blogues* de mulheres portuguesas na diáspora, procurando apontar as grandes mudanças, algumas questões e principais desafios socioculturais que tais experiências, mais ou menos fugazes, de escrita e de leitura apresentam tanto para as configurações identitárias (pessoais e colectivas) como para a própria representação verbal e artística do exílio e da diáspora.

Palavras-chave: Diáspora portuguesa, mulheres migrantes, blogues, comunidades imaginárias, imatopos, pós-literatura

Abstract. The experiences of the Portuguese diaspora have changed significantly in the last two decades, not only due to the increase of mobility within the European Community and the social and economic changes enhanced by globalization, but also because of the exponential digital technological development and, in particular, of cyberspace. The ease of communication and broadcasting provided by public networks and operations on a global scale have produced a phenomenon which, by absorbing some of the characteristics of the “chronicle” and the “diary” as discursive modes or literary subgenres, has sometimes amounted to a laboratory of writing and even of intermedial representation. Processes of identity (re)construction and of inclusion arise in an imaginary/virtual space which transcends geographical borders and national communities, although they still refer to, and even exacerbate, them. In this context, I point out some characteristics of blogs written by Portuguese women in the diaspora, attempting to reveal the great changes, some questions, and the main social and cultural challenges which such experiences, be they more or less fleeting, of writing and reading present both for the configurations of identity (personal as well as collective) and for the verbal and artistic representation of exile and diaspora itself.

Keywords: Portuguese diaspora, migrant women, blogs, imaginary communities, imatotypes, post-literature

Às vezes ser estrangeira é tão cansativo.
Dama do Ocidente.

Num misto de Penélope e Medeia em versões desmitificadas, sem a aura trágica e simbólica destas personagens, mulheres houve que, ao longo da segunda metade do século XX, não se resignaram nem se conformaram com a espera e os silêncios impostos, acabando por assinar, na primeira pessoa, testemunhos pessoais e alguns estereótipos da experiência migratória, com todas as suas tensões emocionais¹. De modo geralmente muito espontâneo, registaram identidades de passagem a (sub)entender feridas de um ser duplamente à margem da sociedade—mulher e migrante—, marcado pelas suturas de uma vida dilacerada entre as suas “origens” e esses seus “exílios” de género e contingência.

Em ensaio anterior, intitulado “Derivações (no feminino) da diáspora portuguesa do século XX” (Mendes 131–143), analisei alguns textos de mulheres portuguesas ou de ascendência portuguesa que, através dos canais mais tradicionais de difusão—edição em revista ou livro—, e mediante diferentes capacidades quer de expressão textual, quer de intervenção nos círculos socio-literários, foram tecendo nós e laços com as suas experiências diaspóricas, uma realidade que, por largas décadas, esteve encoberta na cultura portuguesa por mantos sucessivos de silêncio e de denegação.

Há vinte ou trinta anos, pensava-se aliás que tinha chegado ao fim o surto de emigração portuguesa que atingira o país ao longo do século XX, com picos notórios nas décadas de 60 e 70, sobretudo rumo à Europa do Norte. A Revolução de 74, o fim das Guerra Coloniais e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, em 1986, tinham-nos permitido passar de um Portugal emigrante a um Portugal europeu (Lourenço 435–3), pelo que se acreditava que estavam finalmente reunidas condições para não ser mais preciso sair do país para “ganhar a vida”. Por outro lado ainda, a livre circulação dos indivíduos no espaço europeu vinha resgatar de algum modo o estigma da “emigração”, abrindo, pelo contrário, a uma espécie de “admirável mundo novo” das mobilidades e do fim das fronteiras, pelo menos na Europa designada como comunitária.

A paulatina passagem da “não-inscrição” (Gil 15) da experiência migratória do povo português ao longo do século XX à sua “inscrição”, no sentido de afirmação, acção (Gil 17) ou enquanto interiorização produtiva, viria a ficar a cargo da (con)figuração discursiva dos descendentes dessa diáspora, inconformados com os silêncios e silenciamentos dos antepassados, ciosos de reconstruir e de ver reconhecidos os seus puzzles interiores e, finalmente, incentivados, quando não mesmo pressionados, por estratégias de reivindicação identitária próprias ao surto dos diferentes comunitarismos nos países de residência. Esse discurso de reconhecimento da “desterritorialização” seria ainda estimulado por uma ideologia latente de “Portugal espalhado pelo mundo”², ou seja, de uma estratégia política erigida em desígnio colectivo e assente no orgulho de uma nação que, não sendo mais um império, podia e pode ainda assim

continuar a sentir-se e a (re)ver-se como uma “comunidade imaginada” (Anderson 32–34) que extravasa, em muito, das suas dimensões territoriais.

Mas os vaticínios sobre o “fim da emigração portuguesa” e/ou sobre a passagem de testemunho para (ou através de) os seus descendentes, que se generalizaram nas últimas décadas de 80–90, viriam a revelar-se precipitados. Nem as experiências emocionais da “emigração” e do “exílio” e os sentimentos de pertença ficam liminarmente resolvidos por legislação ou por documentos oficiais, nem as representações socioculturais da diáspora portuguesa estão apenas entregues a descendentes de emigrantes. Por outro lado, como se tem largamente constatado nos últimos anos, o surto emigratório e a consequente diáspora portuguesa não entraram em queda definitiva, ainda que seja difícil apontar números concretos, para mais quando se trata de contabilizar a circulação no espaço Schengen, seguindo destinos, projetos, ritmos e durações muito variáveis.

Embora não seja meu propósito fazer aqui um retrato sociológico dos novos emigrantes portugueses³, de acordo com os estudos realizados nessa área, os portugueses que saíram de Portugal, nas últimas duas/três décadas, para trabalhar e viver no estrangeiro, são mais escolarizados do que a maioria dos emigrantes dos anos 60 e 70, ou do que aqueles que haviam emigrado antes, no rescaldo das Guerras Mundiais. Esse novo enquadramento sociocultural da “emigração”, associado às maiores facilidades de circulação e de comunicação, desencadeiam experiências diferenciadas que, por sua vez, vão moldando também a percepção pessoal e o imaginário colectivo sobre viver no estrangeiro.

Nos últimos anos, o acesso tendencialmente generalizado ao ciberespaço, bem como a integração em redes sociais resultam não apenas numa experiência generalizada de identidade desterritorializada, como também potenciam formas de mobilidade e de (auto-) representação para os migrantes, designadamente através da edição de (ou da participação em) blogues. Com efeito, estes revelam ser uma tomada de posição efectiva no mundo das representações sociais (Cunha 182), desde logo por traduzirem a passagem de uma sociedade anónima de massas para uma sociedade em rede, onde o anonimato é esbatido e/ou substituído por algum modo de intervenção, de “agenciamento”, de “auto-representação” que, por sua vez, vai reconfigurando todo um conjunto de representações e/ou de expectativas sociais sobre os migrantes e/ou seus descendentes.

No vasto universo dos blogues, enquanto fenómeno emergente de afirmação e de comunicação sociocultural, e mais concretamente naqueles que estão ligados a sujeitos e realidades diaspóricos, as problemáticas que me interessa de momento explorar são fundamentalmente duas:

1. Perceber até que ponto as novas condições, no caso concreto da emigração⁴ de portugueses/portuguesas e da sua expressão comunicativa, têm contribuído para uma consciência identitária capaz de alterar o imaginário social em torno da emigração em geral e, em concreto, da diáspora portuguesa;

2. Ponderar de que modos os contextos e práticas cibernéticos são passíveis de uma articulação com os universos literário ou artístico, procurando ainda avaliar até que ponto aqueles poderão contribuir para a transformação destes.

Reconhecer-se-á de imediato que estas são questões muito vastas e complexas para serem exploradas numa única abordagem; acresce ainda que a investigação empírica que suporta este ensaio é uma pequena amostra, uma vez que me concentrei num *corpus* reduzido analisado num determinado momento⁵. Coloquei propositadamente de lado quaisquer blogues de comunidades lusas, bem assim como aqueles que fazem parte da plataforma *Skyrock Blog*, já explorada pelo estudo atrás referido sobre “A (re)apresentação de si nos blogues dos luso-descendentes de França”. Desta vez, não me interessou tanto debruçar-me sobre o imaginário de descendentes da emigração, mas antes sobre as representações de mulheres portuguesas na diáspora, procurando ir ao encontro de um outro enfoque específico—naturalmente discutível como qualquer recorte metodológico—, baseado no princípio, já defendido por outros investigadores, de que a questão do “gênero” é ou pode ser relevante, quando não mesmo fundamental, para entender as dinâmicas migratórias e os modos de construção das identidades de pertença (Brinkler-Gabler e Smith). Acrescentarei ainda que pretendi ensaiar um processo de descoberta e análise que plasmasse um percurso de leitor de blogues em busca ou à descoberta de escritas de mulheres portuguesas no estrangeiro, por mero processo de encadeamento ou de rede informal, isto é, uma leitura-análise que não fosse, à partida, determinada por uma categoria ou classificação do género “comunidade portuguesa na diáspora” ou “mulheres portuguesas emigrantes”⁶.

Expostos os princípios e limites desta pesquisa, é minha convicção que eles não retiram legitimidade às reflexões aqui expostas, e que, julgo também, deverão estar subjacentes a investigações futuras e mais vastas sobre a matéria. De resto, nenhum estudo neste domínio poderá alguma vez considerar-se exaustivo, atendendo às características extraordinariamente abertas e instáveis do universo internetico, o que acresce à também impossibilidade de reduzir a “emigração” ou o “exílio” a generalizações (Naficy 4).

Mas, antes de mais, importa ter em conta uma característica fundamental da escrita no ciberespaço, e muito em particular, em plataformas de blogues gratuitos. Refiro-me à sua tendencial democraticidade no que se refere ao acesso à escrita e à leitura. Este aspecto revela-se ainda mais importante quando estamos perante indivíduos que estão fora do seu país de origem, ou seja, para quem a comunicação na língua materna ou o recurso a referenciais da sua comunidade de origem se encontram naturalmente dificultados. Para a larga maioria dos autores exilados, expatriados ou emigrados (e, muito em especial, aqueles que trabalham com a linguagem verbal), o factor língua (com todos os aspectos culturais que lhe estão naturalmente associados) representa sempre um primeiro e muitas vezes intransponível obstáculo para a sua afirmação ou completa integração no país de “acolhimento”. Na verdade e por norma, os autores desenraizados viram sempre diuídas ou alteradas as condições de acesso ao

“campo literário” (Bourdieu, 1998), quer do país de origem, quer do país onde acabaram por residir ou radicar-se.

Ora, em teoria, e não raro também na prática, a blogosfera aumenta o número de receptores/leitores/espectadores de qualquer discurso, permitindo ainda que os receptores possam tornar-se seguidores, ou seja, leitores regulares de um ou mais blogues, e, nalguns casos mesmo, também colaboradores ou, pelo menos, co-participantes, através de comentários. Dir-se-á que, para o/a autor/a de um blogue fica a faltar “apenas” o reconhecimento social, simbólico, do estatuto de “autor”, tal como este foi sendo institucionalizado e vivido no Ocidente a partir de meados do século XVIII. Ainda assim, a criação e a manutenção, mais ou menos prolongada, de um blogue tem muitas vezes funcionado como um laboratório ou como uma sementeira de escrita, cujos frutos passam a ser efectivamente reconhecidos aquando de uma eventual publicação em papel (Lejeune 30–33).

De notar que a larguíssima maioria dos blogues é assegurada por indivíduos que não contam com qualquer reconhecimento público prévio e, onde quer que se encontrem a viver os seus autores, escrevem, lêem e são lidos num “não-lugar” pós-moderno (Augé, 1992), ou seja, num espaço virtual de passagem e cruzamentos que veio alterar substancialmente aquela que era a habitual relação diferida entre autor e leitor(es). Com efeito, esse “décalage” temporal viu-se substituído pelo espaço de dramatização transnacional, virtual, da simultaneidade, com informações e reacções partilhadas “em tempo real.” No quadro da vivência da diáspora, essa coincidência entre distância e proximidade não deixa de ser significativa e consequente, uma vez que já não se trata apenas de cruzar ou confundir, como é costume entre autores emigrantes ou exilados, os respectivos “cronótopos” (Bakhtine 84), mas trata-se também de ver concretizado um efeito de continuidade e de acumulação que contribui para uma consciência identitária transfronteiriça, se não mesmo para a ilusão ou de uma existência sem quaisquer fronteiras, ou de um comunitarismo (auto)segregador, por vezes também semente de fundamentalismos e das mais variadas formas de violência.

Uma vez que os blogues, por si só, não identificam nem situam os seus autores ou leitores, cabe aos primeiros registarem, mas sem que isso constitua condição imprescindível ou regra universal, o seu perfil através de uma breve auto-apresentação. Esta, que pode jogar ou não com um efeito de “impostura identitária” (tal como os pseudónimos ou os heterónimos para os livros ou para outras formas de edição), será depois completada pela construção gradual de um “auto-retrato”, de uma identidade narrativa, através das sucessivas “publicações”, “entradas”, ou “posts”—no mais comum anglicismo—que o/a autor(a) do blogue vai partilhando no ciberespaço.

Dito isto, é preciso ter em conta que quando falamos de blogues de mulheres portuguesas na diáspora, não estamos senão a remeter para espaços de publicação cuja autoria se encontra registada, segundo o género, a nacionalidade e o local de residência. Essas informações podem contudo surgir de forma muito

reduzida ou criptografada como acontece, por exemplo, nalguns dos blogues consultados, onde as respetivas autoras apenas registaram, no campo do perfil inicial, ou iniciais ou pseudónimos como Lua⁷ ou Abrunho⁸, eventualmente seguidos de outras indicações, regra geral também evasivas. É depois, pela leitura continuada do blogue que se fica a saber algumas informações (verídicas, constantes ou não) sobre as respetivas autoras. Por exemplo, da referida “Lua”, da autora do blogue *meia de leite* ou de “Abrunho”, autora do blogue *contentamento* pôde saber-se que a primeira viveu em Londres e que a segunda se encontrava, pelo menos em meados de 2011, na Eslovénia⁹, sendo natural de Lisboa. Por sua vez, Abrunho, com origens numa pequena aldeia do sopé da Serra de Estrela¹⁰, começou por identificar a Suíça como lugar de referência, embora posteriormente se tenha ficado a saber que residia na Alemanha e que trabalhava num laboratório em Hamburgo. Por aqui se deduz que a “representação de si”, a construção narrativa da identidade pessoal ou, porventura, da autoficção¹¹ destas autoras é não só evasiva, como fragmentária, gradual e bastante delimitada no tempo, demarcando-se assim do modo de funcionamento e dos protocolos oficiais da identidade. Trata-se antes de uma construção, ou melhor, de um processo de revelação “para si” e “para os outros” ou “—em função dos outros”—que se ergue ou que se joga nas fronteiras entre o “interior” e o “exterior”, entre o “íntimo” e o “público”, entre o verdadeiro e o (re)inventado, dando origem a uma forma de criação “extima”, para aqui adotar o neologismo de confluência e hibridiz de interior e exterior, de próprio e alheio, que já foi antes utilizado para definir alguns blogues¹².

No que toca, em concreto, à condição de “não residente” em Portugal, o que, na prática, significa que a pessoa emigrou, no sentido literal do termo e independentemente de qualquer outra designação ou estatuto legais, o facto de ela ser assumida como elemento identitário pelas autoras dos blogues, surge em confronto—explícito ou implícito—com algumas representações sociais e simbólicas da emigração que, no contexto português, nunca foram muito prestigiantes, em especial junto dos extratos socioeconómicos mais elevados e culturalmente mais instruídos. A autora de *Apanhada na Curva*, autodesignada como *A mãe que capotou*, natural de Lisboa, emigrada em França durante 10 anos e que, entretanto, tem viajado por vários pontos do globo com a família, publicava em Agosto de 2010 a seguinte nota: “ser emigrante (*glup*, porque é que esta palavra não me entra ?)”¹³. Por sua vez, Maggie, autora de *Há Mais Mundos*, apresentava no início da segunda década deste século, um conjunto de “entradas” agrupadas no tópico “Ser emigra”, onde ia (auto-)ironizando, por vezes também de modo terno ou (auto-)condescendente, com certos hábitos transversais aos emigrantes portugueses, ou outros¹⁴. A ironia em relação a “ser emigrante” é, aliás, a marca de distinção, por distanciamento, que mais atravessa os blogues consultados. Não será aliás por acaso que estes blogues formam uma rede ou comunidade móvel, não exclusiva, de portugueses(as) no estrangeiro, mas que o fazem apenas informal ou implicitamente, pelo simples facto de elencarem ou remeterem para outros blogues congêneres, em relação aos quais demonstram

interesse ou eventuais afinidades. Parece pois óbvio que estas autoras recusa(va)m liminarmente ou, no mínimo, evita(va)m identificações colectivas, em especial aquelas que poderiam associá-las a alguns estereótipos sobre a emigração e sobre os emigrantes (portugueses), de certo modo confirmados e consolidados por essas mesmas atitudes de recusa ou de paródia ... Das múltiplas publicações que seria possível referir a este respeito, destacarei aquela que a autora do blogue *Contentamento* publicou em 27/03/2010, com o título “entralgo”:

A quem me conhece, aviso para não construirem estereótipos, fotos-tipo, do português sobre a minha pessoa. Pelo menos quando encontro emigrantes sinto sempre estranheza. Estranheza pela saudade, pela quase atitude sofredora, porque o destino bruto os pôs fora de Portugal. E não consigo deixar de me perguntar se não é uma quase peça teatral que somos chamados a declamar, que somos emigrantes obrigados, que estamos tristes, que sem sol engordamos mirrados de maldito fondue. Como parece que faltei às aulas de teatro, calo-me e deixo-os interpretar as minhas palavras como lhes aprovelem, faço cara de comiserção e tento que não se apercebam que me baldei às aulas como ser emigrante.

E quando encontro suíços, também me baldei às aulas de como ser imigrante. E quando me perguntam se não é absolutamente magnífico estar nas montanhas, como a felicidade nos abraça, eu remarco que a felicidade vem de dentro de nós. E que o fondue cheira mal e me faz mal ao fígado. E não, a estação de comboios de Zurique não é especial, tirando a gaja gorda pendurada no tecto. Mas sim, adoro o sistema de comboios e a perfeita lógica das suas regras, lógica sendo algo que os alemães não percebem e os portugueses pensam ser nome de sereia.

Pergunto-me se não devia pedir um passaporte neutro, algo para pessoas que não entendem o mundo¹⁵.

Ter-se-á notado como a autora faz questão de se demarcar das expectativas sociais quer do país de origem quer do país de acolhimento, e como recusa também corroborar alguns estereótipos sobre cada um desses universos. A sua hibridez identitária, ou pelo menos, a (con)fusão do seu lugar de enunciação, surge sintetizada não exactamente por um “entre dois”, mas pela forma contraída de “entralgo”, a apontar para um estado ou para realidades que não estão pré-conhecidos ou adoptados à partida. Podemos assim entendê-la como condição indefinida, própria àqueles que “não entendem o mundo”, porque não o aceitam exactamente como lho querem apresentar ou, de antemão, impor.

O desejo de não confinamento, de superação de distinções apriorísticas e essencialistas entre “nacionais”, “estrangeiros” e “emigrantes”, ou entre “nós” e “eles”, é também várias vezes assinalado no blogue de Helena Araújo, intitulado *2 dedos de conversa*. A autora, natural do Porto e residente actualmente em Berlim, depois de ter vivido em Weimar e nos Estados Unidos, mantém o blogue ininterruptamente desde 2004, sendo por isso o mais antigo dos aqui consultados. Do conjunto de episódios do dia-a-dia aí partilhados, e que deixam transparecer um espírito de análise e uma intervenção cívica extraordinários, tanto no país de emigração, como em Portugal, impõe-se aqui realçar não apenas o que Helena Araújo conta e reflecte sobre a sua experiência a nível dos chamados “conselhos de estrangeiros”¹⁶, como também, e muito em particular,

aquilo que foi apontando por ocasião das comemorações do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas. Sem a retórica grandiloquente, e sobretudo sem o desencanto e o indistigável ressentimento disferidos por Jorge de Sena em ocasiões análogas¹⁷, a autora de *2 dedos de conversa* não deixa de desmontar, com fina ironia, a forma e o significado do “10 de Junho” vivido e comemorado fora de Portugal. Por isso mesmo, Helena Araújo acaba por apresentar-se como uma “extraviada” dos lugares-comuns dos discursos oficiais sobre a “identidade portuguesa espalhada pelo mundo”:

Não ando por aí desesperada à procura de portugueses. Quase os evito, por reacção antecipada a um gregarismo que já não faz sentido para mim. Seria capaz de falar durante horas sobre o meu país, mas calculo que outro português (residente na Alemanha ou noutro país qualquer, inclusivamente Portugal) dissesse diferente e até contrário.

Nunca soube bem o que é ser português, ou porque é que as comunidades portuguesas me deveriam ser mais simpáticas que as outras.

Em Portugal sou a alemã, na Alemanha sou a portuguesa. Pior é quando me chamam estrangeira. Ou me pedem para organizar festas para estrangeiros. Isso é lá denominador comum que se apresente?

Se é para aderir a uma identidade, quero dizer-me Europeia. Embora também seja difícil de definir.

Ou talvez por isso mesmo: a identidade europeia é um projecto para o futuro, enquanto que qualquer outra identidade nacional anda conturbada de passado e preconceitos.

[...] ¹⁸

Depois deste texto publicado em 10 de Junho de 2007, a autora voltaria ao assunto no ano seguinte, pela mesma altura, aproveitando para comentar novamente o discurso proferido pelo Presidente da República Portuguesa:

[...] eu nem sei se vivemos em diáspora, ou se andamos à nossa vidinha.

E que dizer da identidade dos filhos e dos netos dos emigrantes? À parte o folclore, o que haverá ainda de português nos bisnetos dos que foram para o Brasil e a Argentina no princípio do século XX? O que há de português nas Marie-France Silva e nos Jean-François Moreira que nasceram e estudaram em Paris? [...]

Como é que se concilia a lealdade ao país de origem com a lealdade ao país que acolhe?

E que dizer dos novos emigrantes, o pessoal que sai para doutoramento e acaba tão altamente qualificado que nem tem como regressar a Portugal, porque não encontra aí lugar compatível com as suas aptidões? Ou os outros, os que simplesmente se apercebem que a vida é mais fácil noutros países?

“Comunidades Portuguesas em diáspora” é também com eles?

E eu, que apesar de ter um traje à vianeza e saber dançar muitos viras, um malhão traçado e quase-quase a Gota de Afife (hehehe, com esta é que ninguém estava a contar), ainda não me inscrevi no grupo de folclore português que há em Kreuzberg, e não registei os filhos como portugueses – o contrário de tradição é traição?

O Presidente não explicou muito sobre essas diferenças. Não falou da construção de identidade. Ou das questões políticas [...].

Só disse “Sei que podemos contar convosco. Podem e devem contar com Portugal.”

Sim, está bem, mas: e as acções?

Nem sequer nos convidaram para ir festejar para o Consulado com uns pasteizitos de bacalhau. Ao menos isso. Aposto que ao terceiro croquete já estaria a registar o Matthias, e a pedir se não davam um jeitinho para poder registar a Christina também¹⁹.

Confirma-se que a atenção regular, dedicada por esta autora a tudo aquilo que diz respeito a Portugal, não abdica aqui de um questionamento, mais ou menos risonho, de alguns elementos difundidos e recebidos como evidências. Esta atitude discursiva é partilhada, aliás, pela maioria das autoras dos blogues aqui em análise. Existe, regra geral, uma relação mais informada, crítica, até por vezes humoradamente provocadora, relativamente a Portugal, ao contrário dos registos repetidamente nostálgicos e/ou amargurados que marcaram os discursos das vagas anteriores de emigrantes, com ou sem intencionalidade literária/artística. Isto significa que estas autoras manifestam um acentuado controle dos seus nós e laços de pertença, ou seja, evidenciam uma maior liberdade na gestão do distanciamento e da aproximação relativamente a tudo o que tem a ver com as origens, com a identidade nacional e cultural. Não obstante, os seus breves “discursos”, espalhados ao sabor dos dias, revelam maior proximidade da realidade portuguesa ou de uma certa ideia de Portugal do que aquilo que muitas vezes afirma(va)m ou do que pretendiam mostrar. A este título, caberá lembrar uma publicação de 2010, colocada *on-line* pela autora do blogue *O Mundo da Lua*, a propósito da visita ao Navio Sagres de passagem por Singapura. Por aí se poderá depreender como o afecto nostálgico e comunitário pode atingir também aqueles/as que, à partida, parecem cépticos ou indiferentes a tais manifestações. De notar também que, ao contrário de outras adesões a rituais e a discursos nostálgicos ou comunitaristas, existe aqui uma auto-consciência, senão mesmo alguma auto-ironia, à semelhança da “nostalgia reflexiva” explorada por Svetlana Boym (49–55), que funcionam claramente como freio ou como antídoto de algum sentimentalismo patriótico:

Um barco cheio de portugueses, para portugueses. Meninos vestidos de uniforme branco, a aprender a viver no mar. Assim que vi que nos serviam a comida em pratos da Marinha, encheram-se-me os olhos ... o meu pai se estivesse aqui comigo estava de peito bem inchado. Como não estava, inchei-o eu!

O marido portou-se que nem tuga. Cada vez fala mais e melhor e eu cresço mais um palmo. De orgulho e de amor. Posso estar bem longe, mas tenho momentos como o Navio Escola Sagres e ele, que traz Portugal na alma, para me fazerem lembrar exactamente de onde venho. Sabe ainda melhor que molotov, é o que vos digo²⁰!

Importa ainda salientar o papel destas autoras na renovação, em língua portuguesa mas não só, das imagens de Portugal e do estrangeiro, mediante representações não apenas verbais como também visuais e sonoras, atendendo à natureza multimédia dos blogues e à sua abrangência hipertextual²¹.

De acordo com as suas possibilidades de mobilidade geográfica e social, estas autoras manifestam uma grande abertura à diversidade das realidades tanto do país de residência, como de Portugal e de outros espaços eventualmente visitados, pelo que é de crer que as respectivas representações acabem por ter

variadas repercussões a curto, médio e longo prazo. Através dos blogues, abrem-se portanto janelas e portas a estudos imagológicos que hão de certamente confirmar e/ou revelar múltiplos imaginários sobre o estrangeiro, deixando também perceber velhas e novas relações de força entre as culturas.

Relativamente à segunda questão para que apontava no início, isto é, as possíveis relações entre a *bloguescrita* e os universos literário ou artístico, ela pressupõe que se distinga aquilo que se passa com autores previamente ligados ao mundo literário/artístico e aquilo que se prende com bloguistas anónimos, isto é, para quem o *blogue* constitui estreia em termos de escrita e/ou de exposição pública. Para os primeiros, os blogues funcionam apenas como um meio mais de relação, quer com os seus leitores/espectadores habituais, quer com um público mais vasto. As suas intervenções nas plataformas digitais integram-se numa estratégia de divulgação do seu trabalho e/ou de paratextos da sua obra, além de pontualmente significarem também uma forma de pesquisa de produção estética²².

Os blogues aqui em análise, se em geral manifestam sensibilidade cultural, não assumem expressamente qualquer intencionalidade literária, o que não significa que, num ou noutro caso, não possa reconhecer-se neles qualidades de escrita que não desmerecem géneros discursivos como o “diário”, a “crónica” ou a “narrativa de viagens”. Nalguns casos ainda, a *bloguescrita*, encarada como uma espécie de caderno de notas soltas ou de breves reflexões por registo verbal e /ou visual, funciona como uma montra capaz de abrir as portas para o mundo da edição em livro ... Assim parece ter acontecido com Mónica Marques, por exemplo, que tem vivido entre o Rio de Janeiro e Lisboa, autora entre 2006 e 2011 de *Sushi Leblon*, auto-designado “blogue de uma diáspora blasée”, e que viu entretanto publicados dois livros—*Para Interromper o Amor* (2010) e *Transa Atlântica* (2011). O mesmo também aconteceu com a já anteriormente citada autora do blogue *2 dedos de conversa*, Helena Araújo, que colabora com um “diálogo imprevisto” no volume colectivo *O fio à meada* (2010), além de, mais recentemente, ter assinado o argumento de um filme-documentário *ARtMENLA* (2014). Não é, pois por acaso, se nas respectivas apresentações públicas consta expressamente a sua actividade de bloguistas.

Assim, sendo certo que as eventuais qualidades da *bloguescrita* não são condição suficiente ou garantia infalível das capacidades literárias dos/das respectivos/as autores/as, não deixa de ser também verdade que a manutenção e/ou a colaboração num blogue, pelo exercício regular de escrita que supõe, em busca de um registo próprio e de um aperfeiçoamento constante, podem revelar-se como processos catalisadores de integração em diferentes dinâmicas do campo literário²³.

Dentre os blogues de mulheres portuguesas na diáspora, salvo erro por desconhecimento, apenas Manuela Degerine conta com produção literária (onde se reflete o seu ponto de vista de portuguesa a viver em França) anterior à sua *bloguescrita* em *Pnetliteratura* e *Estrolábio* que, no entanto, não são blogues particularmente marcados ou vocacionados para a diáspora²⁴. Para esta autora,

que lida com estas novas plataformas como se de um jornal de papel se tratasse, os blogues apenas lhe interessam por escaparem aos circuitos tradicionais da edição, permitindo-lhe o contacto com outro tipo de leitores que não apenas os leitores de livros²⁵. É dentro desses princípios, onde cabe também a declarada resistência a qualquer tipo de circunscrição à condição única de diaspórica, que Manuela Degerine foi publicando durante vários anos em *Pnetliteratura* (Portal e Comunidade de Literatura dos Países de Língua Portuguesa)²⁶, uma sua versão das garrettianas “viagens à minha terra”, baseadas desta feita numa “peregrinação” a pé que a autora levou a cabo, a partir de Lisboa e seguindo o Caminho de Santiago.

Para qualquer blogue existe uma “prova de fogo” fundamental para poder vir a enquadrar-se no estatuto diferenciado de autonomia literária/artística. Essa prova é a resistência à mera espuma dos dias e aos inúmeros “soundbytes” que pautam a vida contemporânea. Com efeito, para que possam de algum modo impôr-se no ciberespaço, é suposto que os blogues, sobretudo os de cariz literário/cultural, não só apresentem uma actividade muito regular, mas que também se destaquem pela qualidade de textos/imagens/sons produzidos e/ou convocados, de molde a captar e a fidelizar leitores/visitantes/ espectadores. Ora, para quem vive na diáspora, as referidas resistência e fidelização ganham contornos existenciais complexos e porventura ainda mais exigentes, uma vez que é aí que se joga a capacidade de cada um(a) transformar a adversidade da ausência ou da distância numa oportunidade de abertura a outros horizontes e formas de relação intercultural. Por isso mesmo, o acompanhamento da actividade bloguista de autores/autoras na diáspora pode constituir um barómetro muito sensível e sugestivo das transformações a nível da representação e consciência identitárias, tanto em termos pessoais como culturais e colectivos.

De momento, não poderei concluir com nenhum tipo de prognóstico sobre a evolução da diáspora portuguesa no mundo e, aliás, duvido de quem insista em fazê-lo para daí retirar quaisquer ilações solenes e essencialistas sobre “identidade portuguesa”. Tal como costuma acontecer com outros povos que passaram ou passam pela experiência da diáspora, existem sinais (aparentemente paradoxais) de dissolução e de busca/ reinvenção da cultura portuguesa no estrangeiro, pelo que, o seu futuro continua naturalmente em aberto. Já quanto à literatura, parece-me lógico prever que representando ela um fenómeno eminentemente histórico, poroso e poliédrico, irá continuar a absorver, aqui e ali, feitos da convivência directa ou indirecta com a *bloguescrita*, tal como, no passado, acabou por incorporar efeitos da fotografia e do cinema então emergentes. Nesse sentido, será fácil admitir que as ficções ou representações estéticas da diáspora portuguesa (ou de qualquer outra diáspora) irão passar, cada vez mais, pelas potencialidades de plataformas virtuais como os blogues ou seus congéneres, onde se cruzam e se confundem a realidade e a imaginação, tanto a nível da criação como da recepção.

Estar-se-á então a entrar numa era da “pós-literatura”, potenciada pelo universo internético e, em particular, pela blogosfera? Talvez, mas com a mesma ambivalência que aquele prefixo envolve em conceitos tornados tão comuns e polémicos como “pós-modernidade” ou “pós-colonial”. Se “pós-literatura” significar um estágio de relação fecunda (que não apenas superficial, acessória ou decorativa) do discurso verbal com outras formas de expressão artística, julgo que não poderemos senão regozijar-nos com esses sinais de metamorfose, partindo do princípio de que qualquer identidade resulta sempre de relações negociadas com formas de alteridade. Nesse sentido também, as relações que qualquer sujeito ou qualquer forma de arte desenvolvem com outros espaços, artes ou discursos —como os potenciados pela blogosfera— só podem ser consideradas contraproducentes ou até mortíferas para quem insistir em acreditar ou em impor formas de autarcia e de identidade — individual e/ou colectiva — completamente imutáveis. De qualquer modo, de momento, parece que a *bloguescrita* funciona sobretudo como laboratório de identidade(s) e comunidade(s) em rede. Neste caso, mais em concreto, como telas outras de Penélopes que também partiram.

Notas

¹ Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projecto “PEst-OE/ELT/UI0500/2013”, do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Um programa como “Portugueses pelo Mundo”, produzido e difundido pela RTP, que já vai na sétima temporada, tem justamente procurado dar imagem dessas novas experiências e contextos socioculturais de portugueses na diáspora. Também o conjunto de ensaios editado em 2013, cujo título—*Portugal Pelo Mundo Disperso*—parafraseia a expressão utilizada num célebre discurso de Jorge de Sena (Sena 339), dá conta da extensão e variedade de expressão cultural do “deambular migratório tão caro à nossa condição de viandantes pelo mundo dispersos”, tal como se pode ler na nota de apresentação da contra-capa do volume.

³ Sem prejuízo de outra bibliografia mais específica sobre a matéria, de que destaco o trabalho levado a cabo pelo “Observatório da Emigração” <www.observatorioemigracao.pt>, designadamente *Portuguese Emigration Fact Book 2014*, por Rui Pena Pires et al., valerá sempre a pena atentar no “Retrato Social” de Portugal, liderado por António Barreto, e que serviu de base para o documentário produzido e emitido pela RTP em 2007, tendo sido posteriormente editado em livro e DVD. No caso concreto, reveste-se de particular interesse o episódio/capítulo intitulado “Nós e os Outros—Uma sociedade plural”. A propósito desta mesma problemática, acaba também de ser publicado um estudo de caso bastante revelador, especificamente sobre a recente “emigração” de jovens diplomados para França (Lopes 2014).

⁴ O termo é aqui utilizado, antes de mais, no sentido etimológico daquele que se desloca do seu país natal para outro, e não tanto como “estatuto legal”, uma vez que, em princípio e pelas razões já aventadas, quando se trata de mulheres que estão a trabalhar/residir na União Europeia, deveríamos antes dizer que estamos perante cidadãs europeias em mobilidade.

⁵ A delimitação temporal é aqui muito significativa e traduz bem a transitoriedade ou efemeridade do próprio universo bloguista e das suas (auto-) representações. Potencialmente duradouros, os blogs têm-se mostrado, contudo, individualmente bastante efêmeros, e se há bloguistas que optam por deixar disponíveis o arquivo das publicações passadas, outros/outras há que os “apagam” ao olhar do público/leitor, como aconteceu, aliás, num caso dos casos abaixo referidos. Além da fugacidade, esta circunstância levanta também o problema da gestão entre público e privado, na medida em que aquilo que começa por ser publicado/disponibilizado num domínio público, é depois “apagado”, com muita mais facilidade—reconhecer-se-á—do que retirar de

circulação todos os exemplares, por exemplo, de um livro, de um jornal ou de uma revista.

⁶ No final do ensaio, encontra-se a lista dos blogues consultados.

⁷ Cf. “O Mundo da Lua” in <<http://umapeeteesenomundo.blogspot.com>>. [Este blogue viria a ser desactivado uns anos depois, tendo a autora deixado apenas acessível o “post” de 20 janeiro de 2013, intitulado «The end» e onde se lê: “Everything posted here is safely kept, a diary of sorts which has brought me so many wonderful new friends and for which so many of you contributed. I’ll keep it tucked away to give way to other beginnings, possibly different directions”. Web. 16 de Março de 2015.

⁸ Cf. <http://apanhadanacurva.blogspot.com/2010_08_01_archive.html>. [Este blogue viria a ser continuado por outro com o título Kaputt 2.0. A autora explica essa continuação em “A mãe que capotou (continuação possível)”. *Kaputt 2.0*.

<<http://apanhadanacurva.blogspot.pt/p/continuuacao-possivel-do-blogue-mae-que.html>>. Web. 18 de Março 2015.

⁹ Identificando-se como Ana Campos, pode agora ler-se no seu blogue: “i’m ana. i’m 31, from portugal and i currently live in algarve with a quiet boy. we have a bit of nomad spirit and change the ground under our feet quite often. so far, we’ve lived and worked in the netherlands (1 year + 6 months), usa (9 months), china (2 years), slovenia (>1 year), germany (>3 years) and now we’re in the algarve... who knows where we’ll end up next?. *Meia de Leite*.

<<http://meiadeleite.com/about/>>. Último acesso 20 Abril 2015.

¹⁰ Vd. “Os fogos”. 6 de Agosto de 2005

<http://contemplamento.blogspot.pt/2005_08_01_archive.htm>. Último acesso 18 de Abril de 2015.

¹¹ No sentido dubrovskyano de cruzamento de factos reais e inventados de um sujeito discursivo que apresenta o mesmo nome que o/a autor/a do texto/obra, ou num sentido mais vasto, como processos de “ficcionalização de si” (Colonna, 2004).

¹² “antes de ser um trabalho de escrita para outrem, um blogue extimo não é um trabalho de reflexão para si mesmo, sobre a sua identidade (qualquer que ela seja) e sobre o reconhecimento desta por outrem”? (Rouquette 130). Tradução da minha responsabilidade.

¹³ “Tudo isto é lindo, tudo isto é fado”.

<http://apanhadanacurva.blogspot.com/2010_08_01_archive.html>. Último acesso 20 Abril 2015.

¹⁴ Por exemplo, “Ontem fiz uma coisa tipicamente emigra.” Web. 14 Jul. 2010. <<http://hamaismundos.blogspot.pt/search/label/Ser%20Emigra>>. Último acesso 20 Abril 2015.

¹⁵ “Post” datado de 27.03.10 <http://contemplamento.blogspot.pt/2010_03_01_archive.html>. Último acesso 16 de Março de 2015.

¹⁶ “conselho de estrangeiros.” *2 dedos de conversa*. Web. 23 Junho de 2006. <http://conversa2.blogspot.pt/2006_06_01_archive.html>. Último acesso 20 Abril 2015.

¹⁷ Vd. em especial o “Discurso da Guarda” (1977) e “Carta Aberta ao Ex.mo Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros, e também aos Ex.mos Secretário e Sub-Secretário da Emigração” (Sena 327–356).

¹⁸ “identidade (2)”. *2 dedos de conversa*. Web. 10 de Junho de 2007.

<http://conversa2.blogspot.pt/2007_06_01_archive.html>.

¹⁹ “dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”. Web. 12 de Junho de 2008. <http://conversa2.blogspot.pt/2008_06_01_archive.html>.

²⁰ <<http://umapeeteesenomundo.blogspot.com/search/label/Portugal>>. Web. 17 de Mar. de 2011. Trata-se de um “post” que, infelizmente, já não está disponível, uma vez que a autora retirou do olhar público os arquivos das suas publicações, com excepção da última, já atrás referida, o que não deixa de ser uma forma algo ambígua de manter “visível” a anterior actividade de bloguista.

²¹ Para qualquer dos lugares é de salientar, por exemplo, o recurso regular à fotografia e ao vídeo (de autoria própria ou alheia), bem assim como a ficheiros sonoros.

²² A este propósito, veja-se o que diz o escritor francês François Bon que é autor, há vários anos, do blogue “Le Tiers Livre”: “Hoje, sou levado a pensar que um sítio [site], através da sua muito concreta efectividade e graças à forma como é lido, é uma produção estética tão consistente quanto as outras. Ele não concorre com, nem substitui o livro gráfico, mas essas associações entre texto, som e imagem, são potencialmente uma combinação, uma produção do tempo, como o cinema e a

música produzem tempo, que fazem dele um campo específico: na medida em que cada um, ligado ao computador pelo seu trabalho, atribui ao instrumento informático uma parte da sua relação com o mundo, passa a estar-se diante de um domínio poético como qualquer outro” (in <<http://www.tierslivre.net/spip/spip.php?article592>>. [Último acesso em 16 de Março de 2015. Tradução da minha responsabilidade].

²³ De resto, já se promovem cursos de escrita criativa onde a manutenção de um blogue consta como forma de criação literária na contemporaneidade.

²⁴ Manuela Degerine foi inclusive vencedora, com o conto *A senhora do Cabo*, do I Concurso de *Blogocontos* de um blogue ligado à diáspora portuguesa, intitulado “A Viagem dos Argonautas”.

²⁵ Segundo declarações que a própria Manuela Degerine teve a amabilidade de me enviar por e-mail.

²⁶ Com actividade registada entre Maio de 2010 e Maio de 2014. Infelizmente, o arquivo que continua disponível foi expurgado de muitos textos que aí haviam sido publicados.

Obras Citadas

Anderson, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Impresso.

Araújo, Helena, et al. *O Fio à Meada-Diálogos Imprevistos*. Lisboa: Escritório Editora, 2010. Impresso.

Augé, Marc. *Non-Lieux. Introduction à une Anthropologie de la Surmodernité*. Paris: Seuil, 1992. Impresso.

Bakhtin, Mikhail. “Forms of Time and of the Chronotope in the Novel.” *The Dialogic Imagination*. Ed. Michael Holquist. Trad. Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981: 84–258. Impresso.

Barreto, António, e Joana Pontes. *Portugal. Um Retrato Social*. Lisboa: Público, 2007. Impresso.

Bon, François. “Bruit de Fond et Création. Blogs et Écrivains.” *tierslivre.net*. 9 juin 2013. Web. 16 Mar. 2015.

Bourdieu, Pierre. *Les Règles de l'Art. Genèse et Structure du Champ Littéraire*. Paris: Seuil, 1998. Impresso.

Boym, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books, 2007. Impresso.

Brinkler-Gabler, Gisela, e Sidonie Smith, eds. *Writing New Identities: Gender, Nation, and Immigration in Contemporary Europe*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. Impresso.

Cid, Teresa, Teresa F. A. Alves, Irene Maria F. Blayer, e Francisco Cota Fagundes, eds. *Portugal pelo Mundo Disperso*. Lisboa: Tinta da China, 2013. Impresso.

Colonna, Vincent. *Autofictions et Autres Mythomanies Littéraires*. Auch, França: Tristram, 2004. Impresso.

Cunha, Manuel Antunes da. “A (re)apresentação de si nos blogues dos luso-descendentes de França.” 8º Congresso LUSOCOM, Lisboa: 182–98. Web. 16 Mar. 2015.

<<http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/80/55>>.

Degerine, Manuela. “Novas Viagens na Minha Terra.” *aviagemdosargonautas.net*. Web. 16 de Mar. 2015.

Gil, José. *Portugal Hoje: O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004. Impresso.

Lejeune, Philippe. “Cher Écran” *Journal Personnel, Ordinateur, Internet*. Paris: Seuil, 2001. Impresso.

Lopes, João Teixeira. *Geração Europa? Um Estudo sobre a Jovem Emigração Qualificada para França*. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2014. Impresso.

Lourenço, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1999. Impresso.

Marques, Mónica. *Para Interromper o Amor*. Lisboa: Quetzal, 2010. Impresso.

---. *Transa Atlântica*. Lisboa: Quetzal, 2011. Impresso.

Mendes, Ana Paula Coutinho. *Lentes Bifocais. Representações da Diáspora Portuguesa do Século XX*. Porto: Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2009. Impresso.

Naficy, Hamid, dir. *Home, Exile, Homeland: Film, Media and the Politics of Place*. New York: Routledge, 1999. Impresso.

Pires, Rui Pina, Cláudia Pereira, Inês Espírito Santo, e Inês Vidigal. Observatório da Emigração, *Portuguese Emigration. Factbook 2014*. Lisboa: Observatório da Emigração, CIES-IUL. [Web. 22 Abr. 2015](#).

Rouquette, Sébastien. “Les Blogs ‘Extimes’: Analyse Sociologique de l’Interactivité des Blogs.” *Tic & Société* 2.1: 109–134. Web. 20 Feb. 2011.

Sena, Jorge de. *Rever Portugal. Textos Políticos e Afins*. Lisboa: Guimarães-Babel, 2011. Impresso.

Blogues Consultados:

Boas Intenções. Web. 16 Mar. 2011. <<http://infernocheio.blogspot.pt/>>.

Contentamento. <<http://contemplamento.blogspot.pt/>>.

Dama do Ocidente. Último acesso de Abr. 2015. <<http://damadoocidente.blogspot.pt/>>.

2 dedos de conversa. Último acesso 22 Abr. 2015. <<http://conversa2.blogspot.com/>>.

Há mais mundos. Web. 24 Feb. 2011. <<http://hamaismundos.blogspot.com/>>.

A Mãe que capotou. Web. 16 Mar. 2011. <<http://apanhadanacurva.blogspot.com/>> com continuação em Kaputt 2.0 <<http://apanhadanacurva.blogspot.pt/p/continuacao-possivel-do-blogue-mae-que.html>>.

Meia de Leite. Web. 24 Feb. 2011. <<http://meiadeleite.com/>>.

O Mundo da Lua. Web. 13 Jan. 2011. <<http://umapeeteesenomundo.blogspot.com/>>.

Segunda Língua. Web. 17 Mar. 2011. <<http://segundalingua.blogspot.com/>>.

Sushi Leblon. Web. 17 Mar. 2011. <<http://sushileblon2.blogs.sapo.pt/>>.

Ana Paula Coutinho Mendes holds a Ph.D. in Comparative Literature. She is an Associate Professor in the Department of Portuguese and Romance Studies at Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, and the Director of Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.